

UM BREVE ESTUDO SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

Edinete Vilma Gomes da Silva

Universidade Federal da Paraíba – UFPB – vilmagomess@hotmail.com

Francisco Roberto Diniz Araújo

Universidade Nacional de Rosario – UNR - robertodinizaeemd@hotmail.com

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir a problemática da indisciplina escolar, analisando suas possíveis causas e destacando a postura do educador diante do problema. É fruto de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em diversos autores, estudiosos do tema, dentre os quais destacam-se Zagury (2002); Libâneo (2001); Amado (2001); Garcia (1999; 2005); Oliveira (2004) e Aquino (1996). A indisciplina tem sido alvo de inúmeras discussões nas reuniões escolares e entre os estudiosos da educação. É necessário, pois, que haja uma atuação em conjunto – escola, pais e a sociedade, para que se possa encarar o problema da indisciplina, proporcionando meios de solucioná-lo. Espera-se que esse breve estudo possa contribuir positivamente para os pesquisadores do tema, para a comunidade acadêmica em geral e, especialmente, para os educadores, a fim de fomentar a discussão, para o enfrentamento coletivo do problema.

Palavras-chave: Indisciplina escolar. Comportamento Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma abordagem reflexiva sobre a indisciplina na sala de aula. É fruto de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em diversos autores, estudiosos do tema, dentre os quais destacam-se Zagury (2002); Libâneo (2001); Amado (2001); Garcia (1999; 2005); Oliveira (2004) e Aquino (1996).

O artigo se propõe a discutir a problemática da indisciplina escolar, analisando suas possíveis causas e destacando a postura do educador diante do problema. Justifica-se a importância do tema, em virtude de sua atualidade, visto que a indisciplina tem se tornado objeto de estudo de vários pesquisadores. Suas causas estão ligadas a fatores externos e internos, que precisam ser investigados e combatidos. Os professores consideram a indisciplina um dos maiores obstáculos da prática docente, no que diz respeito à convivência em sala de aula.

A indisciplina tem gerado vários conflitos, que envolvem a comunidade escolar de forma geral. São problemas que vão desde uma simples briguinha entre colegas de sala ou de turno, aparentemente, a casos mais graves que envolvem a violência e o abandono à escola. Fatores ligados aos aspectos comportamentais (afetivos, sociais e cognitivos) estão envolvidos nas manifestações de indisciplina. Não existe manual básico de instrução para solucionar os problemas ligados à indisciplina escolar. Cada caso exige cuidados particulares.

É necessário destacar a importância da atuação do professor, no trabalho constante de observação do comportamento da sua turma, verificando a interação entre os alunos, para que possa diagnosticar e combater os possíveis casos de indisciplina, junto à comunidade escolar. Deve-se trabalhar em parceria, a escola, a família e a sociedade, visando examinar o problema e partilhar a responsabilidade de sua resolução. Porquanto, deve-se considerar os antecedentes e as consequências gerados pelos sujeitos considerados indisciplinados.

Espera-se que esse breve estudo possa contribuir positivamente para os pesquisadores do tema, para a comunidade acadêmica em geral e, especialmente, para os educadores, a fim de fomentar a discussão, para o enfrentamento coletivo do problema. Para aplicarmos a disciplina no ambiente escolar, é necessário que as normas básicas de convivência estejam formuladas e justificadas, sendo conhecidas e aceitas pela escola, família e sociedade.

REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE INDISCIPLINA

Quando recorremos ao Aurélio (2011), por exemplo, ou qualquer outro dicionário da língua portuguesa, encontramos o conceito de indisciplina sempre ligado a desordem, desobediência ou rebeldia. Logo, o aluno indisciplinado pode ser definido como aquele que é desordeiro, desobediente, revoltado ou insubordinado.

Entretanto, o conceito de indisciplina apresenta grau de magnitude e complexidade, como aborda Garcia (1999) e De La Taille (1996). E, ao analisarmos tal conceito, devemos considerar esses aspectos. Outro aspecto que devemos considerar está relacionado com a superação da noção de indisciplina como algo restrito ao comportamento do aluno, pois o tema requer, conforme aponta Oliveira (2004), reflexão profunda acerca da natureza das relações e das interações que a constituem.

Pode-se considerar que, por se tratar de uma criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, uniforme, tampouco unanimidade. Portanto, não se pode esperar que o mesmo estaria relacionado a diferentes valores e

expectativas, que variam conforme o contexto em que está inserido. Aquilo que a escola estabelece como critério ou expressão de indisciplina, pode sofrer transformações ao longo do tempo e ir se diferenciando, dependendo do contexto.

É possível compreender a indisciplina como algo inerente ao comportamento do aluno. E, desse modo, as expressões de indisciplina estariam atreladas a alguns significados, tais como: rebeldia, desrespeito, intransigência. Em complemento, pode-se considerar a disciplina como algo socialmente construído (GARCIA, 2005), e que tudo aquilo que se vê relacionado a ela seria criado através da interação social dos atores que lá estão. Pode-se considerar, ainda, a noção de indisciplina como um fenômeno de aprendizagem.

Finalmente, é possível compreender a indisciplina como algo que tem origem na relação professor-aluno. E que a mesma implicaria, sempre, a contravenção de princípios, regulamentos, contratos e ordens, discordando claramente dos objetivos do grupo ou da instituição e provocando situações de perturbação das relações sociais no seu interior (AMADO, 2001).

Destacamos ainda que, segundo o mesmo autor, a manifestação concreta da indisciplina se dá pelo não cumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas e, ainda, no desrespeito às normas e aos valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade.

Na perspectiva dos educandos, a indisciplina relaciona-se com as experiências de vida de uma pessoa, incluindo aspectos significativos que cada aluno traz consigo de suas experiências na escola, situações de indisciplina dentro e fora da sala de aula.

Eles, de fato, atribuem muitas vezes que o significado da indisciplina seria de natureza pedagógica. E a indisciplina seria para denunciar a fragilidade da prática do professor, que muitas vezes, chega na sala de aula despreparado, sem saber o que vai fazer.

Muitos alunos atribuem causas para a indisciplina, como também apontam os sentidos dela, relacionando-os ao trabalho do professor. Muitas vezes, a indisciplina ocorre dentro da sala de aula, com o sentido de interromper o andamento da aula e afrontar o professor.

Podemos entender, então, que as expressões de indisciplina estariam sinalizando algo que precisa ser (re)pensado, (re)feito e (re)significado dentro da sala de aula, sobretudo na dimensão da organização das aulas e do próprio currículo.

Para os alunos, é aceitável reagir às práticas que consideram inadequadas e, portanto, tais práticas não seriam expressões de indisciplina; ao contrário, reagir dessa forma seria um

ato de defesa e de coragem aquilo que eles entendem como ameaça.

Embasando o que foi apresentado pelos alunos com relação à compreensão da indisciplina, trazemos a contribuição de Estrela (1986 *apud* AMADO, 2001), que afirma que a indisciplina, na escola, teria um caráter defensivo e ofensivo. O primeiro, visando estabelecer um contraponto diante das situações consideradas, pelos alunos, como pouco interessante e ou ameaçadoras. O segundo, visando à obstrução da aula, seja por não satisfazer às expectativas do alunado, seja simplesmente por se recusarem a cumprir normas estabelecidas.

AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA PARA O DESEMPENHO ESCOLAR

Como se sabe, o comportamento da criança tem-se modificado com o passar do tempo. E um dos fatores preocupantes, nesse contexto, é a falta de limites, evidenciado desde a infância.

A indisciplina escolar é, hoje, um fenômeno que vem sendo discutido em nossa sociedade de forma cotidiana. Vem ganhando um lugar de destaque entre as maiores preocupações pedagógicas, atingindo diferentes níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior. Sua origem pode ser atribuída a fatores externos à escola.

Aquino (1996), nos remete à responsabilidade da escola enquanto instituição, que não está preparada para receber o aluno que a procura hoje. O autor denuncia práticas excludentes da escola que, por si só e pelo confronto com os alunos, produz a indisciplina e, assim, aponta para uma não evolução da escola, diante das mudanças sócio históricas.

Dar limites às crianças na educação infantil é iniciar o processo de compreensão, por meio do qual elas aprendem a respeitar seus limites. E isso implica compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que se deseja na vida. Dessa forma, o professor, nas aulas de educação infantil, constrói conhecimentos, habilidades, potencialidades, começando, então, a combater a indisciplina.

Nesse sentido, é de fundamental importância uma análise conjunta: família e escola. Pai, mãe e filhos, em parceria com os orientadores e educadores, tentando detectar as possíveis causas e procurando solucionar os problemas da indisciplina. Por isso, cabe aos pais uma posição firme para encarar a disciplina como prioridade.

Ainda de acordo com Aquino (1996), não cabe à escola a responsabilidade integral de educar em seu sentido lato, sendo esta uma tarefa primordialmente da família. Nesse sentido, a tarefa do educador encerra-se no conhecimento acumulado, ou seja, na mediação da produção do conhecimento, que já é uma tarefa difícil de ser executada. Atualmente, o que se vê em nossa sociedade é o grave problema das famílias transferirem a responsabilidade integral de educar inteiramente para a escola.

Transmitir, recriar e construir socialmente o conhecimento devem estar, sem dúvida, entre os objetivos centrais da escola. Contudo, tem faltado a disciplina por parte do aluno no cumprimento de suas obrigações. Não basta apenas o professor manter-se rígido no seu lugar de autoridade.

Para aplicarmos a disciplina no ambiente escolar, é necessário que as normas básicas de convivência estejam formuladas e justificadas, sendo conhecidas e aceitas pela escola, família e sociedade.

Desde a primeira infância percebemos a falta de regras e limites por parte das crianças, e isso é um dos principais obstáculos enfrentados pelos professores em sala de aula. A criança que aprende desde pequena que o mundo é feito de regras, aprende a se comportar de acordo com elas, mesmo sem a presença dos pais.

Alguns autores, tais como Içami Tiba (2002), Maria Augusta Sanches Rossini (2001) e Tânia Zagury (2002) fazem referência à geração de pais que confundem autoridade com autoritarismos, e optam por não colocar limites. Outros alegam que a geração de pais recebe outro tipo de modelo através da mídia e acaba sofrendo sua influência. Para essa abordagem liberal, os pais estão sendo influenciados por modelos mais liberais e terminam por assumir um papel mais “moderno” de educar.

Sendo assim, são corretos os ensinamentos do professor Içami Tiba (1996, p. 43),

Cabe aos pais delegar ao filho tarefas que ele já é capaz de cumprir. Essa é a medida certa do seu limite. É por isso que os pais nunca devem fazer tudo pelo filho, mas ajuda-lo somente até o exato ponto em que ele precisa, para que, depois, realize sozinho suas tarefas. É assim que o filho adquire autoconfiança, pois está construindo sua autoestima. O que ele aprendeu é uma conquista dele.

Nessa perspectiva, definir limites com os educando, deixando claro o que é possível ser feito e em que situação serão cobrados, só auxilia

em seu crescimento pessoal no decorrer de suas atividades estudantis. O professor não deve entregar tudo às crianças, mas sim discutir com eles as regras a serem cumpridas. Oferecer ideias de como criá-las, fixá-las por escrito na sala de aula e envolvê-los no cumprimento destas.

De acordo com Rossini (2001), crianças gostam de professores que lhe deem limites. Os professores bonzinhos nunca serão respeitados. Muitos professores no início da carreira se sentem inseguros por impor regras às crianças, temendo que os alunos não aceitem as regras, causando, assim, transtornos para a sala de aula e, também, para sua profissão.

É importante compreendermos a indisciplina como um processo de socialização e relacionamentos, que os alunos exercem na escola incluindo os profissionais de educação e o seu contexto no espaço escolar. É preciso observar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, seu comportamento, suas atitudes, socialização dentro e fora do ambiente escolar, visto que existem múltiplos fatores capazes de desencadear a indisciplina, que tradicionalmente culpamos o aluno como único e responsável pelo seu aparecimento.

A indisciplina passa a ser vista, nesse contexto, como um das maiores dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar, no que se refere ao desenvolvimento integral dos alunos e à sua aprendizagem. Existem diversos fatores que influenciam na ocorrência da indisciplina escolar, dentre os quais destacam-se: 1. Fatores de ordem social – interesses por parte dos alunos, vivência dentro e fora da sala de aula, desemprego; 2. Fatores de ordem familiar – são muitas vezes valores diferentes da escola, vivenciados por eles; 3. Fatores institucionais formais – diz-se respeito a espaço, horário e interesse por parte dos alunos; 4. Fatores institucionais informais – lideranças, grupos que criam conflitos e oposição às exigências da escola; 5. Fatores pedagógicos – competências de ensino, regras e sua aplicação; 6. Fatores pessoais do professor – valores, crença, expectativas negativas em relação aos alunos; 7. Fatores pessoais do aluno – história de vida, interesse, desenvolvimento individual de cada um.

Todos esses fatores influenciaram na ocorrência da indisciplina, que não se limita apenas a comportamentos inadequados ou ao bom comportamento dos alunos, mas torna-se tão evidente e capazes de interferir no processo ensino-aprendizagem.

Os professores não mais exigem que os alunos fiquem imóveis, em silêncio; mas, ao contrário, procuram incentivar a comunicação, de modo que eles tenham oportunidade de expor suas ideias, seus questionamentos, e isso venha contribuir para a sua aprendizagem.

Vale ressaltar que isso não significa o abandono das regras, mas sim a elaboração de um código normativo coerente, com regras pensadas e legitimadas pelos alunos. Essa participação discente é de fundamental importância, pois dá oportunidade à construção de princípios que conduzem à autodisciplina, tão importante para a vida escolar e, sobretudo, para o exercício da cidadania.

A indisciplina tem sido alvo de muitas discussões entre os educadores e se apresenta como importante obstáculo para a execução das atividades escolares. Sabemos que são muitos os fatores capazes de desencadear a indisciplina (como reportamos anteriormente) e esta constatação deve levar-nos à mudança de estratégias.

Assim sendo, aqueles alunos que são vistos como indisciplinados devem ser diagnosticados e tratados, antes que os prejuízos ao aprendizado se instalem. A comunidade escolar deve adotar uma nova prática, para auxiliar os alunos na construção da tão desejada autodisciplina. É uma missão difícil, sim; porém, não impossível para aqueles que verdadeiramente estão comprometidos com a tarefa de educar.

COMO IDENTIFICAR E COMBATER A INDISCIPLINA NA ESCOLA

Em tempos modernos, certos princípios estão em pauta gerando preocupação sobre a ação docente, perante os valores que devem ser construídos no processo educativo. Dar limites às crianças, iniciando o processo de compreensão e apreensão do outro, ensinando-os a respeitar seus semelhantes e aprender quais são seus limites, compreendendo que nem sempre eles podem fazer tudo o que querem.

Por esse motivo, é de suma importância um trabalho em conjunto – família, escola e sociedade. Assim, a família em parceria com os educadores devem detectar as possíveis falhas e procurar solucionar os problemas da indisciplina. Os pais precisam encarar a disciplina como prioridade, tendo uma posição proativa, não só no que diz respeito à escola, mas principalmente na família.

A competência profissional do professor está muito relacionada com o conceito de autoridade que, segundo Cardoso (1998), é diferente do conceito de autoritarismo. Libâneo (2001) também aborda esse conceito, em coerência com o referido autor. Enquanto a autoridade é indispensável para que a criança perceba seus pais e professores como figuras fortes de apoio e identificação, internalizando-os de forma positiva, como adultos capazes de auxiliá-la a controlar seus impulsos destrutivos sem se

sentir humilhadas e com baixa autoestima; o autoritarismo usa de promessas e ameaças para impor, à força, um tipo de comportamento à criança.

O adulto deve criar as normas junto com a criança e responsabilizá-la pelas consequências de seus atos, caso não as cumpra, auxiliando a tomar consciência das consequências de suas atitudes.

No livro “Escola sem conflito: parceria com os pais”, Tânia Zagury (2002, p. 192) relata que

Hoje a punição é cada vez mais rara, tanto na escola como em casa. Os pais têm larga parcela de culpa, no que diz respeito à indisciplina dentro da classe. É uma situação cada vez mais comum: eles trabalham muito e têm menos tempo para dedicar à educação das crianças. Sentindo-se culpados pela omissão, evitam dizer não aos filhos e esperam que a escola assuma a função que deveria ser deles: a de passar para a criança os valores éticos e de comportamentos básicos.

Em concordância com a citação acima, uma solução possível seria de revitalizar a confiança da família no seu papel de formadora e trazê-la cada vez mais para dentro da instituição. Quando os pais passaram a se sentir inseguros e culpados por não estar tão próximos dos filhos, a escola tentou ocupar esse espaço. Mas ela não tem condições de fazer bem as duas coisas. Os conteúdos estão mudando rapidamente.

O professor precisa se renovar, ter responsabilidades profissionais e não pode arcar com tarefas que são prioridade da família. Ao levar os pais a participar de encontros, palestras, reuniões e troca de experiências com outros pais, eles saem fortalecidos e sentem que não estão sozinhos nessa luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido contribuiu significativamente para o meu aprendizado e para a minha formação acadêmica, bem como para a minha atuação como educadora. Por meio dele foi possível perceber a importância do tema para a comunidade acadêmica, para a comunidade escolar e para a sociedade em geral.

Este artigo constitui-se uma fonte de pesquisa para os estudantes do tema, buscando incentivar os professores, a fim de motivá-los no trabalho de atuação e observação do comportamento de seus educandos.

A indisciplina tem sido alvo de inúmeras discussões nas reuniões escolares e entre os estudiosos da educação. É necessário, pois, que haja uma atuação em conjunto – escola, pais e a sociedade, para que se possa encarar o problema da indisciplina, proporcionando meios de solucioná-lo. Tanto os pais quanto as escolas precisam estabelecer limites às crianças, seguidos de regras claras e objetivas, sabendo diferenciar autoridade de autoritarismo, visando sempre o objetivo primordial, que é a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. S. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

AURÉLIO (2011). **Dicionário de Português**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 03/12/2016.

CARDOSO, S. **Estabelecendo limites**. Porto Alegre, 1998.

DE LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

GARCIA, J. **A construção social da indisciplina na escola**. In: **Anais do Seminário Indisciplina na Educação Contemporânea**. v 1, 2005. Curitiba: UTP, 2005.

_____. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. n.95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

OLIVEIRA, R. L. G. (2004). **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdades de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2004.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TIBA, I. **Quem ama educa**. 48 ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.

_____. **Disciplina. Limite na medida certa**. 38 ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

ZAGURY, T. **Escola sem conflito**. Parceria com os pais. Rio de Janeiro: Record, 2002.